

PRINCIPAIS CONTEXTOS ORATÓRIOS DA ROMA REPUBLICANA.

INTRODUÇÃO:

A Roma Republicana era uma sociedade urbana, militarizada, com muita atividade judicial em tribunais, administradora de muitas nações e com muita atividade política. A importância dos discursos pátria é inegável.

Inicialmente discutiremos sobre retórica e oratória, baseando-nos especialmente na obra *do Orador* de Cícero. Depois daremos exemplos de discursos que eram proferidos na época, dando mais ênfase à *Defesa de Murena* do mesmo autor.

CONSIDERAÇÕES SOBRE RETÓRICA E ORATÓRIA.

A Retórica do século I a.C em Roma é conhecida pelo viés das obras de Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino na Itália no ano de 106 a.C. Foi advogado, orador e político. Foi cônsul em 63 a.C., após ter exercido outros cargos públicos. Ficou por um ano nesta função, como era a duração habitual do cargo. Enfrentou, como cônsul, a conspiração de Catilina. Em 58 a.C., seguiu para o exílio por conta própria; isto porque naquele ano, havia sido aprovada a lei de Clódio (*Leges Clodiae*) que punia com exílio qualquer um que tivesse executado cidadão romano sem passar por processo legal. Como havia imposto a pena capital a muitos aliados de Catilina na Conspiração, baseado apenas na decisão do Senado, sem permitir o direito a apelação, saiu para o exílio. Retornou um ano e meio depois e foi assassinado em 43 a.C.

Grande parte dos discursos de Cícero foi preservada; cinquenta e oito de suas obras estão disponíveis. Dos escritos de outros autores, como César, Brutus e Hortêncio, só restaram fragmentos; mesmo assim, pode-se inferir que os discursos de Júlio César eram mais enxutos e racionais e menos emocionais do que os discursos de Cícero.

A obra *de Oratore* nos ajuda muito a entender como os romanos da Roma Republicana viam a arte ou função da oratória, claro que pelo viés das doutrinas de Cícero. Esta obra foi escrita no ano 55 a.C, após o exílio, o assunto é a retórica. Cícero vai então discutir suas atividades de aprendizado na juventude. O tema o transporta aos acontecimentos de sua juventude por volta do ano de 91 a.C.; **há um distanciamento, como convém à boa obra literária.**

A obra é escrita em três livros na forma de diálogo. Cada um destes livros tem um prólogo escrito em primeira pessoa. Os personagens principais dos diálogos são Crasso e Antônio; há outros personagens secundários que os instigam a falar sobre retórica e oratória. Por estas breves

considerações, **já se nota a intertextualidade deste texto**. O tema tem uma vasta herança literária e diálogo é o formato que Platão escolheu para tornar os ensinamentos de seu mestre, Sócrates, **conhecidos através do diálogo *Íon***. Cícero, além de homenagear seus mestres, faz um paralelo com sua vida pessoal, pois Crasso é idealista como Cícero e Antônio é pragmático como Quinto, seu irmão.

No prólogo do primeiro livro da Obra *de Oratore*, Cícero usa os primeiros cinco parágrafos para dedicar a obra ao irmão Quinto que o instigou a escrevê-la; lembra-se do início da República de 510 a.C. até as reformas dos irmãos Tibério e Gaio Graco de 133 a 121 a.C e comenta que, como eles, também gostaria de gozar do ócio e dedicar-se à oratória depois de exercer cargos públicos, mas não tinha tido a mesma sorte que *aqueles homens*.⁴ Na juventude tinha se deparado com *a perturbação da antiga ordem*, talvez numa referência à Guerra Social de 91 a 89 a.C e à Guerra Civil de 88 a 82 a.C. Comenta que no seu consulado chegou ao centro da dissensão e da crise, numa provável menção à Conspiração de Catilina, entre outros problemas.⁴ E que lançou-se *contra os vagalhões que desviados por mim do que seria a ruína geral, recaíram sobre mim mesmo*, talvez mencionando o exílio e Clódio.⁴ No quarto parágrafo diz que tem que reavivar uma lembrança que não é nítida, provavelmente referindo-se ao caráter fictício do diálogo.⁴

Do sexto ao vigésimo parágrafo, comenta como são poucos os grandes oradores. Apesar de muitos terem acesso aos estudos de retórica, poucos atingem a eloquência.

No intervalo 1. 21-23, diz que falará mais dos debates públicos, dos julgamentos e das liberações. E quem falará são os excelentes.

Na tradição literária as partes da retórica são *inventio* ou invenção, *dispositio* ou disposição, *elocutio* ou elocução, *actio* ou ação e *memoria* ou memória. A invenção é a capacidade de descobrir e elencar argumentos, é o que dizer. Disposição seria o arranjo dado aos argumentos encontrados na invenção. Elocução é como dizer. A ação é a maneira de atuar, pois compreende expressão facial, gestos e voz. E a memória é a capacidade de se lembrar de tudo que foi preparado nas outras partes para que o discurso aconteça.

Há ainda uma outra teoria sobre retórica que é baseada da teoria dos gregos dos séculos IV e V a.C. Há divisão do discurso em seis partes: exórdio para a narração dos fatos a partir do ponto de vista do orador, divisão apresenta a versão contrária, confirmação são as provas a favor do exórdio, refutação são as provas contra a versão da divisão, a ampliação fala dos valores e a peroração é o final do discurso. Ora, esta divisão é mais adaptável ao debate, ao discurso jurídico.

No prólogo 1.17 do *de Oratore*, Cícero fala das partes do discurso sem usar o jargão dos manuais, diz que deve-se ter *conhecimento de inúmeros assuntos*: história, leis e direito civil. Substitui o termo *invenção* por moldar o discurso por escolha e arranjos das palavras. Deve-se usar as emoções para acalmar ou incitar a plateia, ser rápido e conciso, além de usar refinada graça e urbanidade;

tudo isso para substituir a elocução. Cumpre notar que os manuais de retórica falam em refinamento e ele usa o termo refinada graça. Em 1.18, observa que a atuação tem que ser regulada por gesticulação da expressão facial, movimento corporal e variação de voz, então está falando da ação. Aborda a memória dizendo que ela é a guardiã do discurso; sem ela, tudo estaria arruinado. Se todas estas considerações não forem utilizadas, o discurso será vazio, *quase pueril*.

Neste ponto, como diz que sem a memória tudo estará arruinado, podemos comentar que Scatolin, no seu texto *Retórica e Memória na Roma Antiga*, faz uma revisão de vários textos que tratam de memória na retórica, *para apresentar o tratamento teórico da memória no sistema retórico antigo*. E descobre que a primeira sistematização da memória (mnemotécnica) foi descrita por volta do ano 80 a.C., ou seja, após quatro séculos de tradição retórica. Encontra-se na obra *Retórica de Herênio* (3.28-40). Além da obra citada, há reflexões de Longino, Cícero e Quintiliano sobre a sistematização da memória. Nos debates, por exemplo no gênero jurídico, a memória é ainda mais importante; deve-se reter na memória o que o oponente disse para depois argumentar contra com facilidade. As diversas reflexões usam metáforas para correlacionar memória a lugares. Há também a bipartição entre memória natural e memória artificial, esta segunda pode ser treinada com método. A mnemotécnica consiste em que orador escolha imagens e lugares mentais diferentes para associar a diferentes partes do discurso e assim lembrar-se dele. Modernamente é chamada de memória associativa e visual, ou fotográfica.³

No intervalo 1.77-84 do *de Oratore*, o personagem Antônio, instigado por Catulo, comenta que a teoria dos gregos compreende uma divisão harmoniosa, porém evidente e inábil. Argumenta que a divisão poderia ser outra e que é importante ser claro, verossímil, explicar e persuadir durante toda o discurso e não somente na narração. E pondera que a retórica é uma arte diferente das demais.

Aquelas duas divisões do discurso são retomadas juntamente à teoria de Hermágoras, que grosso modo fala da procura dos lugares comuns. Na obra *de Oratore* 1.133-147, quando o personagem Crasso é estimulado por Dota e Sulpício a falar como os rétores, essas teorias são retomadas. Crasso comenta que a dedicação e a paixão fazem alcançar os objetivos, portanto, a eloquência. Começa dizendo que aprendeu os preceitos da teoria, mas um grande eloquente sabe o que quer dizer, seja qual for o gênero do discurso (judicial, deliberativo ou demonstrativo), sabe argumentar, persuadir e animar os ouvintes, é claro e sabe adornar o discurso, porque sabe o que e como falar. Crasso argumenta que primeiro existiram os discursos e depois as teorias do discurso. Em minha opinião, essa simplificação da teoria da retórica e oratória é bem-vinda, porém Cícero alcança a ideia mais importante do texto quando diz que o importante é dedicação, paixão e experiência para se fazer algo bem. Aqui, é ser eloquente, mas essa máxima cabe para qualquer atividade. A teoria não deve ser negligenciada, mas deveria ser para a apresentação das possibilidades e depois, escolhida a paixão, pode-se crescer através de dedicação e trabalho.

Cícero fala ainda de tempo, gênero e plateia do discurso. Considerando-se as ideias sobre o tema nos textos lidos, temos que o discurso deliberativo tem como causa o aconselhamento; o senador delibera para coisas futuras e a meta é a esperança ou o temor de quem delibera. O judicial tem como meta o rigor ou a clemência do juiz, quem delibera é o jurado sobre coisas passadas. O demonstrativo visa o deleite da plateia através do adorno e o tempo é o presente ou passado. Cícero comenta ainda que a plateia é tão importante para o orador quanto a flauta é para o flautista.

EXEMPLOS DE DISCURSO.

O discurso fúnebre é um discurso demonstrativo, mas só tem louvor. Temos como exemplo um pequeno comentário de como foi o discurso de César em louvor a sua tia Júlia. É um discurso em terceira pessoa que conta que César, sendo questor, fez seu elogio fúnebre perante a tribuna. O conteúdo do texto que pretende reproduzir a fala de César só elogia a ascendência da homenageada. Só a nobreza fazia este tipo de discurso. Não se conhece um discurso fúnebre feito por Cícero.



Existem mais discursos de defesa do que de acusação escritos por Cícero.

A defesa de Murena é um exemplo interessante de como um orador pode usar seus conhecimentos de retórica para convencer os jurados daquilo que se deseja. Cícero era cônsul, a Conjuração de Catilina ainda estava sendo resolvida. Em poucos meses, Cícero e seu par teriam que entregar o cargo a dois eleitos. Um deles, Lúcio Murena, estava sendo acusado de corrupção eleitoral. Dois amigos de Cícero, Sulpício Rufo e Catão, faziam parte dos acusadores. Cícero havia proposto penas mais rigorosas aos corruptos em seu mandato (*lex Tullia de ambitu*) para ser votada no Senado. Cícero concluiu que para o bem da pátria deveria defender Murena.

Por ter experiência e ser hábil orador, Cícero primeiramente elogia os juízes, elevando-os a condição de deuses. Depois, pega algumas aberturas nos textos da acusação para argumentar, muitas vezes com ironia e bom humor. Os textos dos acusadores aparecem no negativo do discurso de Cícero, pois não os temos para comparação. Cícero mencionou que Sulpício havia exaltado sua própria família e sua profissão ao comparar-se com o réu. Por este viés, Cícero, após elogiar Sulpício, diz que a profissão dele, jurisconsulto, havia sido importante quando o conhecimento das leis era restrito a eles. Agora que todos tinham acesso a essa matéria, havia perdido a importância. Sulpício passava as noites trabalhando pelo cliente, enquanto Murena, como militar, passava noites em vigília, comandando tropas em favor do povo romano. Sulpício estava desanimado durante as eleições, por isso, não foi escolhido pelo povo. Além disso, muitas pessoas ilustres não vieram da nobreza; não se deve tirar a importância da plebe. E o pai de Murena também foi militar importante.

Quanto a Catão, de início também é elogiado, mas como é estoico, Cícero argumenta que é pouco maleável, qualquer tipo de delito é considerado muito grave por ele, não consegue perdoar, isto não por ele, mas pela corrente filosófica que segue. Além disso, durante as eleições, Murena era muito

querido, por isso, tinha uma comitiva maior e dava mais refeições. Cícero ainda explicita seu temor de haver apenas um cônsul a assumir, em época de conturbação política não se podia fragilizar a República. Depois comenta que Murena, um servidor da pátria, ficaria exilado, sem a família, provocando a misericórdia nos ouvintes. Ora, Cícero usou seus conhecimentos históricos e sua memória para compor um discurso bem organizado, verossímil e claro, que proferiu com graça e urbanidade. A argumentação foi feita a partir da argumentação dos adversários; assim, Murena foi absolvido.

No *Discurso sobre Marcelo*, faz um elogio a César, diz que apesar de todos seus feitos, César nunca tinha sido tão grandioso como naquele momento, pois estava perdendo. Este foi um elogio condicionado, pois Cícero aproveitou um jargão de César: “Já vivi o bastante, seja para natureza, seja para glória” e disse: “estás longe de completar tuas obras mais importantes”. Elogiou primeiro, foi sincero depois, sem necessidade de vitupério.

Pelas cartas a Ático, consegue-se saber que Cícero testemunhou contra Clódio, além disso traz à luz outros conhecimentos de História de sua época.

No Senado, obviamente, discursava-se muito. O fato dos *homens novos*, que não tinham origem nobre, serem rejeitados era um assunto que frequentemente aparece nos textos: *Catiliiana e Antônio responderam a esse discurso de Cícero de maneira insultuosa, atacando sua condição de homem novo...* (Asc, Tog. Cand. 93.24C = 72.17 St)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. CÍCERO, Marco Túlio. Discurso sobre Marcelo. (Material de apoio).
2. CÍCERO, Marco Túlio. Defesa de Murena. (Material de apoio).
3. SCATOLIN, Adriano. Retórica e Memória na Roma Antiga.
www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/125005
4. SCATOLIN, Adriano. Cícero, do Orador 1.1-23¹. Revista Translatio. n.12, pp 174-180. Dez.2016.
5. SCATOLIN, Adriano. Texto de Apoio 1.
6. SCATOLIN, Adriano. Texto de Apoio 2.